
**HERLAND E A BÍBLIA: RESSIGNIFICAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO NA
CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

Giovane Alves de Souza¹ - UEPB
José Wemerson da Silva² - UEPB

Resumo: Esta pesquisa busca identificar influências bíblicas na construção da narrativa de Charlotte Perkins Gilman, em seu romance *A terra das mulheres* (1915), além de discutir como tais narrativas foram ressignificadas em sua obra. Em seguida, discutiremos a resistência presente na atualidade em reconhecer *A Bíblia* como literatura. Para tal, contamos com as contribuições de Chevalier e Gheerbrant (2015); Koch *et al* (2008); Samoyault (2008); Magalhães (2008, 2012); Lima (2015) entre outros. A partir desta pesquisa foi possível considerar que o romance de Gilman possui uma relação intertextual com os escritos bíblicos e que essa relação se dá em sua grande maioria através de alusões.

Palavras-chave: Literatura. Bíblia. Ressignificação. Intertextualidade.

**HERLAND AND THE BIBLE: RESIGNIFICATIONS OF THE BIBLICAL TEXT IN
THE CONSTRUCTION OF CHARLOTTE PERKINS GILMAN'S NARRATIVE**

Abstract: This research aims to identify biblical influences in Charlotte Perkins Gilman's narrative construction in her book *Herland* (1915), in addition to discuss how these narratives were resignified in her work. Next, we are going to discuss the reluctance in recognizing *The Bible* as literature. In this perspective, we will count with the contributions of Chevalier and Gheerbrant (2015); Koch *et al.* (2008); Samoyault (2008); Magalhães (2008, 2012); Lima (2015) and others. From our research we were able to consider that Gilman's novel has an intertextual relation with the biblical scriptures and that this relation occurs in major by allusion.

Keywords: Literature. Bible. Resignification. Intertextuality.

A bíblia é um livro sagrado para judeus, no conjunto dos escritos do primeiro testamento, bem como para os cristãos, no conjunto todo, em especial no que se refere ao segundo testamento, sendo um texto de suma importância para as sociedades ocidentais. Além disso, sua relação com a literatura sempre foi de diálogo, pois a primeira está permeada por uma linguagem poética, histórias, metáforas e simbolismos, parábolas, dentre outros elementos pertinentes à literatura.

¹ Mestre (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba - Conceito CAPES 4. Graduado (2018) em Letras - Habilitação em Língua Inglesa pela mesma instituição. Professor substituto do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Interesse/pesquisa na área de Literaturas Estrangeiras Modernas, com enfoque nos Estudos de Gênero. E-mail: giovaneuepb1@gmail.com

² Graduado em Letras-Inglês (2022) pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jwes.silva@gmail.com

Para além de mulheres biblistas e teólogas que escrevem e produzem exegese e hermenêutica bíblica em diferentes países, como Cristina de Pisan³ (1364-1431) e Juliana de Norwich⁴ (1342-1416), outras autoras escreveram e escrevem inspiradas nos textos bíblicos. É o caso de Adélia Prado e Cora Coralina, por exemplo, com poéticas marcadas pela religiosidade cristã. Além delas, outras romancistas já escreveram fazendo uso da intertextualidade como o *O evangelho segundo a serpente*, de Faiza Hayat, entre outros tantos escritos por mulheres e por homens.

As representações das histórias bíblicas transcenderam o tempo e os gêneros. As obras de Santo Agostinho e de Erasmo de Roterdã, na teologia e filosofia, além das pinturas, esculturas e a arquitetura do Alto Renascentismo são alguns dos exemplos de como essa influência fertiliza a mente humana de forma a incentivar o processo criativo. No que diz respeito à escrita literária não foi diferente. Clássicos como os de John Milton (*Paraíso perdido*) e Dante Alighieri (*A divina comédia*) são ilustrativos dessa estimulação da criatividade através do sagrado.

Ao realizarmos a leitura da obra *Herland (Terra das mulheres*, em português), de Charlotte Perkins Gilman, pudemos notar a presença de trechos que têm influências bíblicas presentes na descrição dos acontecimentos do país fictício configurado na escrita. Essa pesquisa se faz necessária por proporcionar uma análise da intertextualidade destas referências bíblicas na obra, além de discutir como as narrativas bíblicas foram ressignificadas por Gilman (2018) para construir a narrativa do país fictício. É importante ressaltar que mesmo o texto bíblico sendo considerado um artefato religioso, ele será utilizado de forma literária nesta análise.

Faz-se necessário mencionar, mesmo que de forma breve, a biografia da autora. Romancista, poetisa, filósofa e ativista pelos direitos das mulheres Charlotte Perkins Gilman (1860 – 1935) foi uma norte-americana cujas produções são estudadas até os dias atuais. Suas obras são consideradas de grande importância no referente ao papel feminino na sociedade. Após uma depressão pós parto e a negligência médica (comum na época para casos como o da autora) ela escreve sua obra de maior impacto, *O papel de parede amarelo*, que retrata justamente como a sociedade julgava e negligenciava os aspectos psicológicos femininos. Após o diagnóstico de um câncer de mama incurável Gilman cometeu suicídio em 1935.

³ Ver *O livro da cidade de senhoras*.

⁴ *Revelações do amor divino*.

Para embasar e justificar nossa abordagem do texto bíblico como obra literária utilizaremos dos estudos realizados por Magalhães (2008, 2012) que irão debater sobre a resistência da crítica literária em reconhecer e trabalhar os escritos bíblicos como texto literário. Utilizaremos, também, dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2015) para validar nossa interpretação simbólica. Com o uso da pesquisa de Nunes Júnior (2017) iremos tratar a terra como um personagem tanto na Bíblia quanto em *A terra das mulheres*. Por fim, para validar nossa identificação de passagens bíblicas em trechos do romance, faremos uso da teoria da intertextualidade a partir dos estudos de Koch *et al* (2008) e Samoyault (2008).

1 Bíblia, literatura e intertextualidade

Como já mencionado anteriormente, foi ao analisar a forma que o texto bíblico foi ressignificado na obra de Gilman que a ideia para a pesquisa surge. É preciso ressaltar que utilizaremos a Bíblia como uma obra literária para a melhor interpretação da obra de Gilman (2018). No entanto, como aponta Magalhães (2008), existem diversos percalços para o reconhecimento pelo meio acadêmico e religioso da Bíblia como literatura, como, por exemplo, quando o livro é compreendido enquanto produto de uma instituição religiosa, e não da cultura, de forma que ali fosse seu único reduto hermenêutico permitido (MAGALHÃES, 2008, p. 2).

Além dessa resistência tanto da parcela religiosa quanto da parcela crítica literária, existe ainda um problema de cunho curricular nas instituições universitárias, o próprio fato de a Bíblia não ser inserida e estudada junto aos clássicos mundiais da literatura em cursos de graduação reforça essa resistência de reconhecimento da obra Bíblica como texto literário (MAGALHÃES, 2008, p. 3). Em contrapartida, o próprio Magalhães (2012) aponta características literárias nas escrituras bíblicas, como ele bem defende

[a] linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estas podem crescer, serem alteradas no decorrer das narrativas. Em vez da imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. O Deus único, por exemplo, é de certa forma, a convergência de várias divindades, estas personagens ocultas muitas vezes na superfície dos textos, mas constitutivas das identidades do personagem Deus. Não há monotonia nos personagens bíblicos (MAGALHÃES, 2012, p. 140).

O excerto supracitado nos apresenta que não apenas o texto bíblico é literário, mas que também Deus é um personagem riquíssimo em desenvolvimento no decorrer da narrativa bíblica. Dessa forma, fica evidente que essa discussão só se mantém até o momento por questões pertinentes aos indivíduos e não a conceituação ou caracterização do que é ou deixa de ser um texto literário⁵.

Nesta abordagem do texto bíblico como literatura, vários autores buscam diferentes pontos de partida na teoria literária que justifiquem trabalhar o texto religioso também como texto literário. Eli Brandão da Silva (2016) tem como ponto de partida a visão de que a religião e a literatura possuem a metáfora como um ponto em comum. Para ele o ser humano está em contato com o sagrado muito antes de desenvolver a linguagem escrita, deste modo, a linguagem aparenta ser limitada ao produzir sentido para esta ancestral sensação inerente ao ser humano e a única forma eficaz para dizer o inominável é através do uso de metáforas, transcendendo assim o campo semântico da linguagem e inserindo o sagrado na dimensão simbólica (BRANDÃO DA SILVA, 2016, p. 3-4). O que nos leva a refletir sobre a linguagem usada em textos religiosos. Durante séculos o Latim foi usado com o propósito de pregação das escrituras cristãs e a língua adquiriu o status, assim como os textos bíblicos, de língua litúrgica ou sagrada, como apontado por Brandão da Silva (2016).

Ora, se até mesmo as línguas usadas com o propósito exclusivo de pregar e converter não devem ser consideradas sagradas, por qual motivo textos criados com o intuito de pregação da palavra divina devem ser considerados imaculados? A linguagem metafórica usada nos textos sagrados abre espaço para múltiplas interpretações e conseqüentemente para uma leitura literária de tais, e de acordo com Brandão da Silva (2016, p. 12) essa característica é o que define a literatura.

Tal conflito de interpretações é possível na obra bíblica e desta forma possibilita a ambigüidade e conseqüentemente a interpretação literária do texto religioso. Não existe verdade absoluta na interpretação literária e assumir que uma leitura/interpretação é superior a outra de forma ditatorial é desconsiderar justamente o que torna um texto atemporal. As múltiplas interpretações são de certo modo o que mantém os clássicos ativos no inconsciente coletivo.

⁵ Traça da língua, esquivo que permite a utilizarmos nas arestas do poder, compreendemos o conceito de literatura aqui a partir de Roland Barthes (2013), que a define não enquanto um corpo, setor do comércio e do ensino, ou seqüência de obras, mas sim um grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever (BARTHES, 2013, p. 17).

Lima (2015) aprofunda-se nos estudos dos textos bíblicos e afirma que os escritos são além de tudo ficcionais, no entanto existe uma resistência profunda devido a interpretação errônea do termo ficção: “Um dos motivos que dificultam o diálogo a esse respeito é a compreensão limitada que em geral se tem de ficção” (LIMA, p. 155). Devido a essa limitada compreensão sobre o que é de fato ficcionalidade o autor aponta algumas características do texto fictício. Para tal, ele aponta que “quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação. O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário” (ISER, 2013, p. 33 apud, LIMA, 2015, p. 157). Ou seja, o texto ficcional não é “falso”, mas sim um texto que tem como base a realidade e faz uso do imaginário para transgredir os limites do real. De tal modo, todo texto literário é fictício, pois transpassa o limite da realidade e força os leitores a imaginarem apenas o que é dito. Sendo assim, o texto bíblico, por ser literário, é também fictício.

Nunes Júnior (2017) em sua pesquisa nos traz um estudo pertinente ao trabalhar a terra como um personagem na narrativa de Gênesis capítulos do 1 ao 9, ele aponta que da terra “o homem nasce e, de certa forma, recebe o nome (Gn 2:7). Além disso, a terra é dada ao homem para ser subjugada, cuidada e trabalhada (Gn 1:28; 2:15). A terra também é fonte do alimento que lhe irá manter a vida (Gn 1:9-12, 29-30, 2:16)” (2017, p. 13). Ao observar essa relação homem e terra na Bíblia é possível notar que a interação entre eles é de tamanha proximidade que é válido olhar para a terra como um personagem. Assim como na Bíblia, a terra possui um papel de destaque na narrativa de Gilman (2018): é ela que priva a população do contato com o mundo exterior, dessa forma será muito válida a análise de Nunes Júnior para a melhor realização da analogia da terra no romance de Gilman (2018) com a terra no texto bíblico.

Para melhor fundamentarmos nossa pesquisa sobre a presença de textos bíblicos no romance de Gilman nos baseamos na teoria da intertextualidade, de acordo com Koch et al (2008):

A intertextualidade *stricto sensu* (daqui por diante, apenas *intertextualidade*) ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de Intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (KOCH *et al.* 2008, p. 17).

Ou seja, a intertextualidade é a presença, seja ela explícita ou implícita, de um texto em outro texto, ela pode acontecer em forma de sátira, citação, alusão entre outras. Como cada texto precede outro todo texto é, de tal modo, intertextual. “O texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores” (SAMOYAULT, 2008, p. 18). Existe então uma biblioteca comum a todos os textos e ela provê ao escritor intertextos suficientes para a construção de sua escrita.

Apesar de sua breve história, a intertextualidade tem sofrido uma “inflação de definições”, por ser um termo muito versátil e aplicável em diversas áreas de conhecimento (SAMOYAULT, 2008). É necessário então buscar uma definição mais restrita que englobe o termo de forma geral. Samoyault (2008) busca defini-lo ao afirmar que a intertextualidade deve ser compreendida antes de tudo como uma prática do sistema de cumplicidade dos textos” (SAMOYAULT, 2008, p. 43). Samoyault (2018) aponta, ainda, que quando o texto se refere de maneira direta a textos anteriores, levando em conta modos de integração visíveis, percebe-se que tal texto é construído a partir de outros, e que o intertexto parece ser seu dado dominante (SAMOYAULT, 2008, p. 44 – 45).

De tal modo deve ser considerado intertextualidade, de forma mais específica, toda citação, referenciação indireta e apropriação de um outro texto. Em nossa análise identificamos o que a autora chama de jogo com a tradição da biblioteca de intertextos já que a obra faz uso de um dos textos mais conhecidos da literatura ocidental e o ressignifica em sua escrita.

Ao discorrer sobre os graus de explicitude e implicitude da intertextualidade, Koch et al. (2008), irá afirmar que

É como se a *citação* se situasse no ponto mais alto de uma escala de explicitude, de marcação. Num grau mais baixo, poderíamos inserir a Intertextualidade por *referência*, que [...] como a *citação*: requer do co-enunciador um conhecimento prévio do texto a que pertence [...] já a *alusão* e o *plágio* se localizam num grau mais baixo da escolaridade e se aproximariam da implicitude. O que distingue a *referência* da *alusão* é justamente a tentativa de implicitude desta última [...] na *alusão*, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente (KOCH *et al.* 2008, p. 127).

Essa divisão nos ajuda a melhor entender que a intertextualidade pode estar presente de forma tanto explícita quanto implícita nos textos e que esse grau de diferenciação irá ditar

a possibilidade de identificação do intertexto pelo co-enunciador (o leitor). Quanto menor o grau de explicitude do intertexto mais será exigido da memória do co-enunciador para a captação do intertexto presente na obra.

Os intertextos bíblicos identificados na obra de Gilman (2018) são alusões, o que, como já visto, implicam na dependência da memória discursiva do leitor para sua identificação: “a alusão depende mais do efeito de leitura que as outras práticas intertextuais: tanto pode ser não lida como pode também o ser onde não existe” (SAMOYAULT, 2008, p. 51).

2 A Terra das mulheres e a bíblia

O romance tem início com três amigos aventureiros, Vandyck Jennings, sociólogo e narrador personagem, Terry O. Nicholson e Jeff Margrave, indo em uma expedição para mapear uma parte remota do globo. Através de conversas com as tribos locais eles percebem uma lenda em comum sobre uma terra habitada apenas por mulheres. Após se afastarem, o grupo de amigos é guiado por um nativo até a borda de altos precipícios nos quais ele aponta que tal raça habita. Os três amigos prometem manter segredo e se organizam para retornarem ao local com uma expedição pessoal.

Depois de toda organização de recursos e mantimentos, os três amigos retornam ao ponto no qual supostamente esse país habitado apenas por mulheres é localizado. Ao sobrevoarem o local foi possível notar que um povo civilizado vivia naquela região remota. Então, eles resolveram pousar na floresta e seguirem a pé para tentarem fazer contato com os povos da região. Ao caminharem, os exploradores se deparam com uma harmonia nunca vista antes, pois tudo era muito bem cuidado. Logo, eles fazem o primeiro contato com três belas jovens, Alima; Ellador e Celis que apesar da limitação linguística conseguem se apresentar. Terry tenta, neste momento, capturar uma delas sem sucesso, ao continuarem rumo a civilização eles começam a notar que apenas mulheres estão naquele meio e ao adentrarem na cidade são capturados e levados prisioneiros.

Durante a prisão eles recebem tratamento privilegiado e são permitidos praticar esportes e caminharem em um jardim com a supervisão de algumas guardas, além de receberem da melhor literatura para a aprendizagem e desenvolvimento da língua nativa. Apesar do tratamento incomum Terry se sente na necessidade de escapar o quanto antes e

convence seus dois amigos do mesmo, ao fazerem isso são capturados, mas não recebem nenhuma punição severa, passam apenas a serem vigiados mais de perto e recebem cada um a tutoria de uma professora para desenvolver a língua nativa.

O ponto central da obra é a comunicação entre as duas culturas. Esse intercâmbio cultural provoca choque cultural presente em Terry, Jeff e Vandyck instiga o leitor a imaginar qual seria a reação daquele povo se tivesse contato com a sociedade da qual os três fazem parte, o que força os personagens a esconderem aspectos que para elas seriam de difícil entendimento. É durante essa troca que o leitor recebe a resposta para a principal pergunta da obra: como é possível um povo existir com apenas um dos sexos? A explicação é dada e descobrimos que nem sempre aquele país foi daquela forma, mas que uma série de acontecimentos os guiaram para que a terra fosse habitada apenas por mulheres até que um milagre ocorreu e uma dessas mulheres gerou vida e quando o tempo chegou suas filhas geraram vidas, até que todas elas se tornaram uma só família.

Apesar da Terra das mulheres aparentar ser um paraíso, seus habitantes chegam a considerar que muito foi perdido por eles com a extinção dos homens de sua sociedade. Através de Terry, Jeff e Vandyck elas almejam reinserir o sexo masculino em seu país. Deste modo os três amigos se casaram com as três jovens com as quais fizeram o primeiro contato. Jeff se uniu a Celis, Vandyck com Ellador e Terry com Alima. Apesar das diferenças culturais Vandyck e Jeff aparentam se adaptar com os termos de seus relacionamentos, Jeff e Celis concebem uma criança, Terry, no entanto, não aceita os termos de Alima e tenta estuprar sua parceira, ele é contido, julgado e expulso do país, Vandyck junto com sua esposa Ellador partem para levá-lo de volta a sua terra e assim o romance chega ao fim.

A autora toma posse de diversas narrativas bíblicas e as ressignificam na construção de seu país fictício. Maria e a virgem concepção são utilizadas na ideia da primeira matriarca. A organização do país, sua harmonia e utópica paz são baseadas nos aspectos presentes no jardim do Éden. E, além das narrativas bíblicas já aqui mencionadas, algumas outras estão brevemente presentes na narrativa do romance, o próprio Terry afirma durante a expedição que se uma terra composta apenas de mulheres existir ele se tornaria o rei Salomão de tal local (GILMAN, 2018, p. 17).

2.1 O jardim do Éden e a *Terra das mulheres*

No desenvolvimento da narrativa torna-se evidente que a terra do romance é um paraíso para aqueles vindos de culturas diferentes, a inexistência de crimes e guerras ou disputas por poder é de certa forma imensurável para os visitantes. A organização e a seleção daquela terra nos remetem ao jardim do Éden, o próprio narrador afirma:

[n]ão consigo lembrar quanto notamos no momento e quanto complemento agora com meu conhecimento posterior, mas naquele mesmo dia animador vimos muitas coisas – uma terra perfeitamente cultivada, onde até as florestas pareciam bem cuidadas; uma terra que parecia um enorme parque, e ainda um enorme jardim (GILMAN, 2018, p. 20).

Essa organização utópica nos remete a perfeição do paraíso e a forma com qual se organizou cuidadosamente o jardim do Éden na narrativa bíblica. Não apenas os aspectos organizacionais fazem alusões ao Éden, mas os vários dos aspectos simbólicos presentes no romance remetem ao encontro com o sagrado.

Para Matiolevitz (2018), o romance trata-se de uma utopia feminista em que a autora aponta a definição do termo a partir da etimologia da palavra e descreve algumas das características do gênero literário, ela afirma a seguir:

Ao tratarmos da etimologia da palavra utopia, em grego, temos “OU”, não, e “TOPOS”, lugar, logo, o não-lugar [...] o gênero da utopia sempre propõe uma reflexão de caráter crítico sobre algum aspecto, ou vários, de um determinado momento histórico, através da criação de um outro mundo, não raro ideal. Ou seja, uma realidade construída e produzida em contraponto com uma realidade vivida. Esta última é função dos valores dominantes na sociedade em contexto (MATIOLEVITZ, 2018 p. 44-46).

De tal forma é possível de se interpretar, assim como Matiolevitz (2018), que o romance de Gilman é uma obra utópica que busca denunciar os absurdos da sociedade do século XX. A autora faz uso de diversas estratégias para denunciar os problemas da sociedade patriarcal, a mais comum delas é a surpresa. Os personagens do texto aparentam sempre se surpreenderem no referente às mulheres realizando atividades que exigem destreza ou força física, algo tão comum naquela terra mas que em seu país eram exercidas apenas por homens.

Alguns dos fatores inalcançáveis que se concretizam no não-lugar da utopia de Herland são: uma sociedade sem qualquer tipo de competição; todas as decisões coletivas são tomadas levando em consideração o impacto que causarão nas crianças; a organização do país

(tanto em controle populacional quanto em não enterrar os mortos para poupar espaço e o fato de toda uma floresta ser cultivada para abastecer o país); todas as mulheres, apesar de nem todas terem filhos, agirem como mães para todas as crianças. É de tamanha relevância todos os pontos apresentados aqui, no entanto Matiolevitz irá apontar, e nós concordamos, que as principais críticas são os estereótipos da sociedade do século XX, ela aponta:

Os estereótipos problematizados por Gilman são modelos de sistemas de representação limitantes, restringindo a discussão das questões teóricas e práticas à subjetividade. Em tal sentido, a utopia é um instrumento de denúncia dos desejos humanos, explícitos ou implícitos na individualidade e na coletividade; uma forma de resistência ao que está predeterminado, em prol da justiça para todos. Daí a associação corriqueira entre utopia e algo inatingível (MATIOLEVITZ, 2018, p. 69).

O que nos confirma que apesar daquele país fictício ser perfeito aos olhos dos visitantes, tais mudanças jamais poderiam ocorrer no “mundo real” já que apesar do desejo dos seres humanos para a mudança e a melhora, estes estão presos a um sistema econômico que impede a mudança drástica.

Vergara, ao analisar o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, afirma que o jardim representa “em diferentes culturas: o paraíso terrestre, o centro do cosmo geralmente dividido em quatro partes, um lugar paradisíaco, o luxo, a beleza, a cultura em oposição à natureza selvagem, o mundo celestial, um sonho do mundo fora do mundo” (2005, p. 121). O fator organizacional do jardim do Éden é bem evidenciado na narrativa bíblica:

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal (Gênesis, 2:8-9).

O que nos chama bastante atenção é a forma de organização deste local, a terra é cercada de árvores frutíferas, enquanto a árvore da “ciência” está localizada no centro de tudo, junto a Adão e Eva. Gilman, ao organizar o país em sua narrativa distribuí a floresta ao redor do seu país deixando a raça de “super-mulheres” ao centro do espaço territorial, mulheres estas que são detentoras de um imenso conhecimento e que são uma representação da árvore da ciência, a qual os três aventureiros buscam e degustam do fruto no decorrer do romance. Um fator que nos chama atenção é o de que, apesar do Éden ser referido como um jardim, em nenhum momento as escrituras mencionam outro tipo de flora além de árvores, o mesmo

acontece no romance de Gilman, apesar da floresta ser comparada diversas vezes com um jardim a escrita deixa evidente que toda a flora do país é composta por apenas árvores frutíferas. Ao se aprofundarem sobre o simbolismo da árvore, Chevalier e Gheerbrant pontuam que a árvore é o:

[s]ímbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...] Serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Répteis arrastam-se por entre suas raízes; pássaros voam através de sua ramagem: ela estabelece, assim, uma relação entre o mundo ctoniano e o mundo urânico. Reúne todos os elementos: a água circula com sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes, o ar lhe nutre as folhas, e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro (2015, p. 84).

Essa completa unidade presente no símbolo da árvore é de certo modo transferido para a imagem das mulheres em Herland, elas são indivíduos que contém tudo o que é preciso para a vida, são inclusive capazes de gerar vida individualmente.

É evidentemente apontado pela escrita que Deus organizou o jardim para que o homem não tivesse trabalho algum ao buscar alimento, assim como as habitantes de Herland o fizeram com a floresta, para poupar tanto a força de trabalho quanto espaço territorial, como apontado no fragmento a seguir: “Elas logo tinham decidido que árvores eram as melhores plantas para alimentação, exigindo muito menos trabalho no cultivo do solo e fornecendo uma grande quantidade de comida em espaço reduzido; além disso, também ajudavam a preservar e enriquecer o terreno.” (GILMAN, 2018, p. 91) O próprio narrador do romance se refere a floresta como um “grandioso jardim” em diversas ocasiões.

Nesta alusão a passagem do Éden Gilman mantém as principais características organizacionais presentes na escrita bíblica em sua configuração textual. Esta influência do intertexto na obra de Gilman apesar de ser um detalhe organizacional é crucial quando consideramos a intertextualidade bíblica na obra, pois demonstra que tal fator não ocorre de forma ocasional já que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974 apud Koch et al. 2008, p. 85).

Terry é retratado como uma fonte de energia que vai contra essa harmonia em todo o

decorrer da narrativa, e é assim que ele convence Jeff e Vandyck a fugirem mesmo sendo muito bem tratados e aprendendo a falar a língua das nativas. Sua ação transgressora ao tentar estuprar Alima é punida com a expulsão dessa terra quase que perfeita. Assim como a desobediência de Adão e Eva é punida com a expulsão do Éden, isso reforça que a Terra das Mulheres é um local, tal como o Éden, para aqueles puros de coração.

Ao compararmos com a narrativa de Gênesis podemos fazer uma ligação entre Terry e a serpente, ambos agem como uma força contrária ao meio que estão inseridos. Assim como a serpente em Gênesis é responsável pela desobediência do homem, Terry é responsável pela desobediência e fuga dos três participantes da expedição. Vergara (2005) conclui que a serpente “representa em diferentes culturas: a vida e a morte, a rival do homem, a obscuridade da psiquê humana, a hierofania do sagrado natural, o feminino e o masculino, a alma e a libido,” (2005, p.121), sendo essas, justamente, características muito presentes no personagem no decorrer da narrativa. O que é evidenciado no seguinte trecho do romance:

O sorriso de Terry era irrepreensível, mas não gostei da expressão em seus olhos – de uma criatura prestes a dar o bote. Eu já podia ver a cena: o colar caindo, a mão a agarrando, o grito agudo da garota enquanto ele a puxava para mais perto. Mas não aconteceu. [...] Ele fez sua tentativa, em vão, quase caindo ao se soltar; então, com uma velocidade inconcebível, as três criaturas foram embora. [...] – Você não deveria ter feito isso – Jeff protestou. – Elas estavam sendo amistosas; agora você as assustou. [...] – Bobagem – ele disse. – Era o que queriam. Mulheres gostam de ser perseguidas (GILMAN, 2018, p. 26).

Aqui podemos observar na personalidade de Terry o que Vergara (2005) chama de “obscuridade da psiquê humana”, ao tentar dominar a nativa que estava até então sendo amigável, o personagem expõe seu lado obscuro, o que de certo modo surpreende e choca até mesmo seus amigos próximos. A características da libido pode também ser identificada de forma muito marcante na obra, não aceitando as condições de sua parceira, Alima, acerca do sexo como ato reprodutor que deve ser praticado apenas em época de procriação

Terry colocou em prática sua convicção animalesca de que uma mulher gosta de ser dominada. Com sua força bruta, com todo o orgulho e toda a paixão de sua intensa masculinidade, ele tentou dominá-la. Não funcionou. [...] Terry se debatia como um louco; teria matado todas alegremente – foi o que me disse depois –, mas não conseguiu. Quando ergueu uma cadeira sobre a cabeça, uma delas pulou e o agarrou, então outras duas se jogaram e o derrubaram; levaram apenas alguns segundos para amarrar seus pés e suas mãos (GILMAN, 2018, p. 145).

O ocorrido confirma mais uma vez o comportamento descontrolado de Terry, é

importante ressaltar que novamente o narrador identifica características animais no personagem, corroborando assim mais uma vez para a ideia da obscura psiquê de tal. É possível também afirmar que tal ação foi guiada pela libido desenfreada apontando desse modo mais uma das características identificadas por Vergara (2005) no símbolo da serpente.

Vale ressaltar que no texto bíblico o pecado e a desobediência são introduzidos através da serpente e sua persuasão para com Eva; ora, em Herland a autora consegue ressignificar a narrativa, a desobediência é então causada através da influência de Terry para com seus amigos.

Foi com a extinção do homem que o crime e o pecado foram erradicados daquele país, da mesma forma que foi com o retorno de homens que o primeiro crime em mais de cem anos volta a acontecer, enquanto na bíblia a mulher é responsável pelo mal e o pecado que se espalhou pelo mundo, na obra de Gilman o homem é em si é a raiz de todo o mal. Podemos então assimilar a opressão e a visão masculina de superioridade da época como a raiz de todos os males da sociedade do século XX e que a resolução para isso não é, como na obra, a extinção do sexo masculino, mas a aceitação e inserção do sexo feminino em todas as esferas da sociedade. A expulsão de Terry não é apenas uma forma de castigo, mas uma tentativa de impedir que o crime e o pecado voltem a corromper aquela terra como já houvera acontecido. A volta de homens àquele país significa o retorno do ato sexual, e conseqüentemente do pecado original.

2.2 A virgem Maria e a matriarca

O desafio de evitar a extinção aparentemente inevitável não abalou as moradoras restantes de Herland, elas se organizaram, enterraram os mortos e uniram forças para trabalhar e cuidar uma das outras. É evidente a crença das habitantes daquela terra no conceito que afirma que aqueles que trabalham duro sem questionamentos recebem graças divinas, conceito esse presente também na tradição cristã. É com essa ideia que elas seguem por dez anos trabalhando e se tornando mais sábias, até que o milagre acontece.

Por cinco ou dez anos elas trabalharam juntas, tornando-se mais fortes e sábias, e cada vez mais apegadas umas às outras. Foi então que o milagre aconteceu: uma dessas mulheres ficou grávida. É claro que todas acharam que deveria haver um homem em algum lugar, mas nenhum foi encontrado. Assim, elas decidiram que devia ser um presente dos deuses, e colocaram a orgulhosa mãe no templo de Maaia, sua deusa da maternidade, sob extrema vigilância. Conforme os anos passaram,

aquela mulher teve filha após filha, cinco no total, todas meninas (GILMAN, 2018, p.67).

A persistência foi um fator impulsionador para a concepção do milagre e a redenção de um povo que sofreu por dez anos sem qualquer sinal de salvação. A redenção e a esperança serem concedidas por meio de uma criança concebida por um milagre nos remete diretamente à visita do anjo a Maria e o anúncio da vinda do salvador da humanidade. A narrativa do milagre da virgem Maria foi o fator inspirador para a escritora, na seguinte passagem o anjo anuncia a gravidez de Maria:

Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim (Lucas, 1:30-33).

Mesmo em Herland não havendo nenhum anúncio, elas deduzem que a geração da primeira criança foi um presente divino. Dessa forma uma nova raça surgiu, de mulheres e irmãs, todas descendentes de uma única mulher. E aquela terra nunca viu tempos tão prósperos sem guerras ou disputas, apenas mulheres e irmãs que evoluíram juntas. O acontecimento da extinção dos homens ser precedido da cooperação e prosperidade nacional nos leva novamente a afirmar que naquele local o homem era a raiz de todos os males, e bastou alguns anos afastadas do sistema patriarcal para que a paz e a harmonia alcançassem toda aquela terra.

É de demasiada importância fazer um parêntese para destacar a importância da virgindade e de sua associação com a pureza em ambos os textos. Ao observarmos o dicionário de símbolos os autores apontam a virgem Maria como

a alma perfeitamente unificada, na qual Deus tornou-se fecundo. Ela continua virgem, pois continua intacta em relação a uma nova fecundidade. A criança divina nasce sem a intervenção do homem no mistério cristão que justamente neste aspecto coincide com os mitos da Antiguidade, que representam o nascimento milagroso do herói. A Virgem Mãe de Deus simboliza a terra orientada para o céu, que se torna também uma terra transfigurada, uma terra de luz. Daí vêm o seu papel e a sua importância no pensamento cristão, enquanto modelo e ponte entre o terrestre e o celeste, o baixo e o alto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 962).

A virgem mãe é então a “ponte entre o terrestre e o celeste”, e é por essa conexão com o sagrado que ela é capaz de gerar o filho de Deus. Fica evidente, ao fazer a leitura do

romance, que Gilman se apropria da figura da virgem Maria presente na bíblia e a ressignifica em sua obra atribuindo o papel de mãe salvadora não a uma única mulher, mas a toda aquela nação. No referente a maternidade é possível destacar que apesar de nem todas aquelas mulheres serem mães (por questões referentes ao controle populacional), todas elas agem como figuras maternas e educadoras na vida das crianças daquele país.

Aqui temos uma irmandade humana em funcionamento – ela prosseguiu. Além da irmandade literal de nossa origem, e da união mais profunda e elevada de nosso crescimento social. As crianças neste país são o centro e o foco de todo pensamento. Cada passo à frente é sempre avaliado do ponto de vista que terá nelas: na raça. Como vocês veem, somos mães (GILMAN, 2018, p. 77 – 78).

Essa característica materna atribuída não apenas a um personagem, mas a todo um país nos demonstra que todo aquele povo vive uma relação materna entre si e seu montanhoso território. Faz-se importante pontuar que a maioria dos homens daquele lugar morreu há cerca de 2.000 anos, quando houve uma erupção vulcânica catastrófica que selou a única passagem para fora da terra das mulheres. Os homens remanescentes eram, em sua grande maioria, escravos que tinham como objetivo se apoderar da terra e das jovens que nela ainda restavam. Para isso, eles mataram os filhos de seus mestres mortos e as mulheres idosas. As mulheres lutaram, no entanto, matando-os.

Após um longo período em que previam o fim de toda a sua população e sem nenhum homem em sua terra, uma das sobreviventes engravidou e deu à luz a cinco meninas. Essas cinco filhas, ao crescerem, também geraram, respectivamente, cinco filhas cada. Logo, esse processo expandiu, e a população, composta apenas por mulheres agora capazes de gerar filhas sozinhas, começou a exaltar a maternidade. A partir dessa nova conjuntura, as mulheres começaram a se organizar em uma sociedade que funcionava a partir do trabalho coletivo e benefício comum.

Visto isso, é importante discorrer sobre o simbolismo da mãe, Chevalier e Gheerbrant (2015) apontam de forma muito direta as principais características do símbolo materno, como evidenciado no trecho seguinte:

A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 580).

É possível identificar estas características no país, é a terra que dá proteção e abrigo aos moradores quando os invasores avançam em seu território, assim como também é a terra que provém o alimento daquele povo, essa terra é, porém, também opressora, ela priva suas filhas do contato com o mundo externo, como uma mãe que não quer que seu filho cresça e deixe o lar.

O movimento intertextual feito pela autora aqui é de certo modo ressignificar algumas das alusões às quais ela faz uso, ao se referir a vinda de Jesus, a autora muda o seu contexto, ao invés de uma única criança ser responsável pela redenção e salvação da humanidade, como é na bíblia, em sua obra cada geração seguinte a partir da matriarca carrega essa responsabilidade, ou seja, o fardo de salvar o povo é distribuído igualmente entre todas as habitantes da Terra das mulheres.

Este diálogo entre os textos é o que torna a análise ainda mais coerente já que “o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto) somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, ilumina tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo [...] por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas” (BAKHTIN, 1986, apud KOCH et al. 2008, p. 9).

A sacralidade dos símbolos da virgindade e da maternidade são muito bem aproveitados por Gilman na construção de sua narrativa. A forma que tais imagens transmitem na tradição cristã uma conexão com o divino só reforçam os pontos que foram levantados ao longo desta pesquisa. Essa terra remota é de todas as formas, favorável para a conexão com o divino, seja por sua localização geográfica, seja por suas habitantes que são a personificação do sagrado.

Considerações finais

A partir de nossos estudos é possível afirmar que existem diversas alusões referentes a bíblia presentes na obra Herland de Charlotte Perkins Gilman, esses intertextos foram ressignificados e em alguns casos até mesmo subvertidos para a construção de sua narrativa. Além disso, é possível identificar um grande simbolismo presente em ambos os textos (a bíblia e Herland) o que reafirma o quão produtivo é considerar o texto bíblico como literatura, ele carrega consigo não apenas a fé, mas a cultura de um povo.

Nas últimas décadas dentro das igrejas cristãs históricas, como a luterana, metodista,

anglicana e católica há consistentes leituras da bíblia como literatura feitas a partir das chaves de gênero, negritude e feminista, entre outras. Por isso, chama atenção o tema da "terra" no livro de Gilman, uma vez que esse mesmo tema dá título ao romance "A terra das mulheres" e é um tema fundador em toda a bíblia. Tanto o livro de Gênesis como o livro do Êxodo, entre outras tantas narrativas bíblicas, a luta pela terra é uma constante. Sempre em busca do ideal da terra prometida, a terra da promessa, onde jorra leite e mel, um novo Éden, onde haverá paz, descanso e fartura. Assim, o romance de Gilman traz à tona um mundo ideal de paz. Mundo este onde as amarras patriarcais não mais prenderam as mulheres. Elas, sendo protagonistas da própria vida e história, constroem uma sociedade alheia ao patriarcado e à cultura e poder dominantes que esse sistema erigiu.

A relevância de estudos sobre literatura e religião tem se tornado cada vez mais evidente, assim como todo texto é constituído de vários intertextos a constituição dos pensares sociais são também constituídos de um enorme mosaico de discursos, a bíblia é um grande constituinte deste pensar social, de tal modo ela não deve ser desassociada da formação cultural do povo cristão, deve ser considerada em todas as esferas do pensar acadêmico, já que é um texto basilar da sociedade ocidental. Esperamos que esta pesquisa tenha contribuído para o já bem suprido acervo de trabalhos sobre literatura e religião e que as informações aqui debatidas possam responder ou gerar questões para futuras pesquisas.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional. Colorado Springs: Biblica, 2000.

BRANDÃO DA SILVA, Eli. *Literatura e Religião Tecidas na Metáfora*. Plural Pluriel, 2016. Volume 15, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Tradução: Vera Da Costa e Silva, et al. 27. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland: a Terra das Mulheres*. Tradução: Lígia Azevedo. 1. Ed. São Paulo: Via Leitura, 2018.

KOCH, Ingedore G. Villasa; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Anderson de Oliveira. *A Bíblia Como Literatura – A Bíblia Como Ficção*. Estudos de Religião Volume 29, Número 1, p. 153 – 168, 2015.

MAGALHÃES, Antônio. *A Bíblia Como Obra Literária*. Hermenêutica literária dos textos Bíblicos em diálogo com a *teologia*. In: Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 11. São Paulo, 2008

MAGALHÃES, Antônio. *A Bíblia na Crítica Literária Recente*. Teoliterária Volume 2, Número 4, p. 133–143, 2012.

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. *Herland: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman*. Tangará da Serra, 2018.

NUNES JÚNIOR, Edson Magalhães. *A Terra em Gênesis 1 – 9: Uma Leitura Microscópica Crítica da Narrativa*. 2017. 140 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, 2017.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

VERGARA, Elias Mayer. *Fora do Jardim! : Uma Leitura Psicanalítica de Gênesis 3*. Goiânia, 2005.